

seguro total

INOVAÇÃO - SEGUROS - SAÚDE SUPLEMENTAR - PREVIDÊNCIA - CAPITALIZAÇÃO - TECNOLOGIA



GERENCIAMENTO DE RISCO É FUNDAMENTAL NO TRANSPORTE

Atividade garante eficiência
e segurança das operações



BATE-PAPO SEGURO

Superintendente-executivo do IESS, José Cechin, avalia o atual estágio da saúde suplementar

TECNOLOGIA NO CAMPO

Nova plataforma potencializa o gerenciamento da sustentabilidade e da rastreabilidade agrícola

CATÁSTROFE NO SUL

Seguradoras propõem na Câmara Federal novas coberturas diante de catástrofes climáticas

Vem aí o ST Summit Inovatec - Transporte de cargas perigosas

Marcado para o dia 30 de julho, em São Paulo, o ST Summit retorna com uma configuração mais dinâmica e recheada com os mais importantes temas. O evento vai reunir renomados palestrantes, especialistas, corretores, empresas prestadoras de serviço e seguradoras.

O encontro garantiu até agora o apoio institucional de entidades representativas, como por exemplo, CIST, ABGR, SINCOR-SP, ANTT, CNT & Logística, entre outras. A geração de visibilidade do Summit Inovatec é outro ponto relevante. Para tanto, além da divulgação em massa por meio das plataformas de comunicação da Seguro Total, o congresso contará, também, com a cobertura midiática de veículos especializados e da grande mídia.

Além do conteúdo de excelência, o evento se apresenta como um ambiente perfeito para networking de alto nível, o que o coloca na condição de referência. Um marco para os setores de gerenciamento de risco e transporte de cargas perigosas.

SEJA UM PATROCINADOR!



REALIZAÇÃO:

Revista
seguro total



Geração de riqueza nas estradas brasileiras



A **Revista Seguro Total** vive a expectativa de realizar um grande evento no dia 30 de julho: o **ST Summit Inovatec 2024 – Transporte de Cargas Perigosas**, que reunirá alguns dos maiores nomes do setor e especialistas no hotel Estanzapla Internacional, em São Paulo. A revista já vem se mobilizando para discutir questões relacionadas ao transporte terrestre – uma área sensível responsável pela geração de riqueza e renda do País. Tanto é que nas edições 235 e 240, o veículo promoveu sérias reflexões sobre o tema, em reportagens especiais, ouvindo fontes qualificadas que desenharam um cenário realista sobre o modal rodoviário. Leia-se o uso de caminhões nas estradas.

Nesta edição, vamos falar sobre o papel imprescindível do gerenciamento de risco no transporte. Um dos fatores para o desenvolvimento da indústria brasileira e o setor de infraestrutura é adoção de um Plano de Gerenciamento de Riscos. Muitas ocorrências graves e acidentes podem ser evitados ou ao menos amenizados com a atuação do risk manager. A reportagem ouviu autoridades e especialistas sobre a atividade de gestão de risco, que garante que as operações sejam seguras e sustentáveis.

Ainda na ST 242 falamos sobre a 23ª edição do Seminário Brasileiro do Transporte Rodoviário de Cargas, que aconteceu em Brasília no início de maio, iniciativa da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística (NTC & Logística) e de uma plataforma que potencializa o gerenciamento da sustentabilidade e da rastreabilidade agrícola. São temas que agregam mais informações à reportagem de capa intitulada “Gestão do risco no transporte: melhor prevenir do que remediar”.

Vejam também nesta edição entrevista exclusiva com José Cechin, superintendente executivo do Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS), que analisou o atual estágio da saúde suplementar no país, os desafios e o impacto da tecnologia, e artigo assinado por José Prado, CEO do Insurtech Brasil, por meio do qual ele explica como as novas tecnologias estão transformando o mercado de seguros. Enfim, uma edição para quem gosta de jornalismo com qualidade editorial.

Boa leitura!

REVISTA
segurototal

ANO 23 | EDIÇÃO 242 | PUBLICAÇÃO MENSAL
REVISTASEGUROTOTAL.COM.BR

Av. Professor Alfonso Bovero, 468 - São Paulo (SP)
CEP: 01254-000 - Telefone: 11 - 97959-1395

Editor
José Francisco Filho (MTB-33.063)
francisco@revistasegurototal.com.br

Departamento Comercial
Francisco
francisco@revistasegurototal.com.br
Maurício Dias
mauricio.dias@revistasegurototal.com.br

Redação, Design e Tecnologia
Texto Final – Serviços de Imprensa
E-mail: impressasp2022@outlook.com
Cleber Francisco
cleber@revistasegurototal.com.br
André Takeda
takeda@revistasegurototal.com.br
Social media
Rafael Miera
rafael@revistasegurototal.com.br

SIGA NAS REDES @RSEGUROTOTAL
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO COM A CÂMERA DO SEU CELULAR:



sumário

6 Bate-papo seguro
Entrevista com o superintendente executivo da IESS, José Cechin

10 Panorama
Você conhece as novas tecnologias e inovações aplicadas ao mercado?

12 Energias renováveis
Aplicação da sustentabilidade no transporte pesado

19 Especial
Legislação precisa aperfeiçoar um dos pilares do desenvolvimento

22 Radar
Fraudes em seguros: desafios e áreas mais afetadas

23 Tecnologia no campo
Plataforma potencializa rastreabilidade agrícola



14 Especial
Gestão do risco no transporte: melhor prevenir do que remediar



20 Gestão de risco
Fórum GR 2024: networking e debates de alto nível



24 Dilúvio no Sul
Seguradoras propõem novas coberturas diante de distúrbios climáticos



Sistema exige estruturação mais eficiente

O superintendente executivo do Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS), José Cechin, analisa o atual estágio da saúde suplementar no país, os desafios e o impacto da tecnologia

Seguro Total – Segundo estatísticas recentes, o setor de planos de saúde contabilizou mais de 51 milhões de beneficiários em seu sistema. Porém há alguns desafios que precisam ser vencidos para garantir a sustentabilidade do setor. Na sua opinião, quais seriam eles e porquê?

José Cechin – A gente precisa lembrar que plano de saúde é o terceiro maior desejo do brasileiro, depois de educação e casa própria, conforme as pesquisas de opinião do IESS mostram consistentemente. Nós temos desafios importantes. Alguns são inerentes ao sistema: como se manter sustentável diante do ritmo acelerado de incorporação de tecnologia, do processo de envelhecimento da população, da regulamentação e da judicialização crescente. Outro desafio importante é a evolução econômica do Brasil, que tem estado bem lenta, mantendo alta a taxa de desemprego e inibindo o crescimento das rendas, essenciais para que pessoas e empresas possam arcar com os custos dos planos.

Começo detalhando o impacto do envelhecimento. Esse não se dá aos saltos, não pesa muito na evolução dos custos no curto prazo, mas é uma força importante que atua continuamente no tempo, com um percentual anual próximo de 1%. Para essa conta fechar, a nosso ver, é necessário que as pessoas envelheçam com boa saúde, com qualidade de vida, ativas, porque, assim, estarão comprimindo o período de enfermidade no fim da vida. E isso exige cuidar da saúde ao longo de toda a vida, considerando alimentação correta, práticas de atividades físicas, equilíbrio mental e, preventivamente, realizar exames de acompanhamento contando com apoio médico.

Quanto à incorporação de tecnologia, vale notar que é, como se sabe, o principal impulsionador das despesas com saúde. Mas note que reconhecer esse fato não corresponde a negar a importância incorporação. Então, nesse caso, o País terá cada vez mais de analisar o que é possível absorver ao sistema, o que tem custo e efetividade comprovadas e justificáveis, e o que pode até funcionar, mas não há como pagar e, portanto, se faz necessário abrir mão. Volto ao desafio conjuntural do ritmo da atividade econômica porque, sem dúvida, o plano de saúde está diretamente ligado à disponibilidade de renda e crescimento econômico, e, principalmente, emprego.

Na questão da regulamentação, vemos uma clara necessidade de modernizar a legislação e as normas do setor, tendo em vista que o sistema passou por profundas mudanças em mais de 26 anos e esse arcabouço precisa ser atualizado. É preciso repensar o modelo de ofertar os planos de saúde e a competição do setor, com a retirada de algumas amarras. Isso envolve também

dar mais clareza e respeito às leis, evitando a judicialização desnecessária. Infelizmente, quando vemos questões como a atual proposta de reforma tributária ou de algumas propostas legislativas que propõem a ampliação da regulação dos contratos e dos reajustes, por exemplo, ficamos mais preocupados com o futuro desse setor e sua existência.

ST – Em sua análise há algum indício a médio ou longo prazo de que a judicialização na saúde sofre alguma retração?

JC – A judicialização, medida em número de processos iniciados, continua crescendo. No entanto, começamos e enxergar que o Poder Judiciário, sobretudo nas instâncias superiores, tem procurado preservar as regras contratuais e respeitar a legislação, inclusive as normas e resoluções da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). Mas essa mesma compreensão ainda não é vista nas primeiras instâncias, de varas e tribunais. Esse é um trabalho de convencimento ainda muito importante a evoluir com transparência, com informações disseminadas, com bibliotecas de pareceres para consulta pelos magistrados. Acreditamos, no entanto, que no médio e longo prazos, as perspectivas sejam boas. O desafio é garantir que o sistema se mantenha até essa melhora chegar.

ST – O aumento dos casos de dengue verificado nestes últimos meses e a epidemia da covid-19 sob controle trouxeram que tipo de aprendizado para o setor?

JC – Sem dúvida, tanto para o setor como para a sociedade como um todo. Ficou ressaltada a importância da prevenção (uso de máscaras na covid, uso de repelentes na dengue, cuidados com focos de proliferação do mosquito) e de vacinação. Precisamos valorizar cada vez mais os programas de imunização, comandados pelo SUS, que são comprovadamente eficientes. O sistema de saúde suplementar também se aparelhou melhor, desde a pandemia, e tem atuado com uma velocidade muito boa para dar assistência aos beneficiários. Me parece muito claro que cada vez mais vamos precisar analisar o “sistema de saúde” do Brasil como um todo, com mais integração e trocas entre os agentes públicos e privados. Esse é um caminho sem volta.

ST – O Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS) atua como uma fábrica de ideias com o propósito de gerar e divulgar conhecimento a respeito da cadeia de valor da saúde suplementar. De que forma a pesquisa está cumprindo o seu papel de promover a qualidade no atendimento ao usuário/paciente?

JC – A missão do IESS é de gerar conhecimento para a compreensão do sistema de saúde suplementar e fornecer subsídios para a tomada de decisão. Com humildade, eu diria que estamos cumprindo bem nosso papel – claro que não é um autoelogio, mas uma constatação. Olhamos o sistema de saúde suplementar sob três alicerces: Economia, Direito e Promoção da Saúde e Qualidade de Vida. Quando você olha nossos estudos econômicos e nossos indicadores, fica bastante claro compreender as necessidades para equilibrar esse sistema e mantê-lo funcionando. Da mesma forma, nossos estudos, webinários e eventos no campo do Direito revelam claramente quais são os acertos e as

falhas que podem comprometer uma boa assistência à saúde e, novamente, o equilíbrio do sistema. Da mesma forma, nossa agenda de Promoção da Saúde reúne, por exemplo, casos práticos de como as empresas podem prover saúde para seus colaboradores (temos um livro digital disponível gratuitamente para download no site do IESS). Isso tudo tem apoiado uma estruturação mais eficiente do sistema de saúde suplementar. Os trabalhos que reconhecemos no Prêmio IESS de Produção Científica em Saúde Suplementar têm sido apropriados para uso pela cadeia de valor do setor. Isso tem garantido melhores práticas e o desenvolvimento de programas dedicados ao melhor cuidado. Estamos evoluindo.

ST – Comente a respeito do aumento de oportunidades de emprego na saúde em todo o País

JC – O equacionamento dos desafios que apontamos na primeira pergunta exige profissionais habilitados em todos os níveis de formação e em quantidades crescentes. O crescimento das despesas em saúde tem, como outro lado da moeda, o crescimento das oportunidades de emprego. As epidemias, que parecem ter ficado recorrentes, terminam por representar maiores oportunidades de emprego. Por óbvio, não desejamos epidemias para aumentar a ocupação – seria insano pensar dessa forma. Igualmente, o envelhecimento traz consigo maior prevalência de doenças crônicas que exigem tratamento continuado e novas oportunidades de ocupação. Cada vez mais as estruturas de cuidado e assistência à saúde evoluem. O desafio está em ter mão de obra qualificada e inserida no uso e aplicação de tecnologia. O sistema de saúde suplementar é a principal porta de entrada de tecnologia no País. Isso exige conhecimento e familiaridade para usar os recursos. E é preciso entender que as estratégias de cuidado de saúde são cada vez mais individualizadas. Os planos de saúde caminham para se tornar grandes gestoras de saúde, o que requer um conhecimento sólido e sofisticado.

ST – A incorporação de tecnologias ao rol de procedimentos mínimos a serem providos pelos planos de saúde possuem a devida análise da relação entre a efetividade da tecnologia e o custo da sua incorporação?

JC – Oficialmente, sim. O que não significa que essa análise esteja sendo feita considerando toda a complexidade que o tema exige. Se olharmos a experiência da Conitec, no Ministério da Saúde, enxergamos claramente que há cuidado e parcimônia na incorporação diante da capacidade financeira do Estado de arcar com esses custos. No sistema suplementar, a ANS criou também um mecanismo, mas a velocidade de incorporação é sem similaridade no mundo. E fica a dúvida se o sistema tem condições de absorver nessa velocidade, mesmo que a tecnologia se comprove com custo versus efetividade. O volume de incorporações potencializa os custos e os recursos econômicos são finitos. A impressão que fica é que a gente caminha para ter o sistema de saúde privado mais completo do mundo, mas, fica a dúvida: é possível pagar? O plano de saúde, dadas as características que mencionei antes, é um produto caro. A se manter o ritmo atual, poderá ser quase impossível de ser pago num futuro próximo.

Saiba como proteger EQUIPAMENTOS DE TRABALHO NO HOME OFFICE



A modalidade de trabalho remoto, o chamado home office, recebeu um forte impulso nos últimos anos, especialmente devido aos períodos de lockdown e distanciamento social, decorrentes da pandemia de covid-19 no mundo todo. Muitos profissionais tiveram que transformar às pressas seus lares em pequenos escritórios para que o restante da economia brasileira não entrasse em colapso.

Este cenário atraiu uma demanda, por parte das empresas, cada vez maior por seguros voltados para equipamentos de trabalho utilizados no home office. Trabalhar em casa trouxe uma série de benefícios, como flexibilidade de horários e eliminação de deslocamentos, fuga do trânsito e do transporte público, mas também trouxe uma série de outros desafios.

Um dos principais desafios passou a ser a garantia de que os equipamentos utilizados para o trabalho remoto estivessem protegidos contra danos físicos, roubo do equipamento e de dados ou outros imprevistos. Desde computadores e laptops, smartphones, tablets, monitores, teclados, mouses, cadeiras até impressoras, esses itens fazem parte de uma parcela significativa dos investimentos das empresas, além do fato de que os profissionais dependem deles para realizar suas atividades do cotidiano no trabalho.

Em um mundo em que as ameaças cibernéticas estão cada vez mais presentes, os seguros para equipamentos em home office não se limitam apenas à proteção física dos dispositivos. Eles também podem abranger cobertu-

ras contra-ataques virtuais, como malware e phishing, que podem comprometer não apenas os equipamentos, mas também dados sensíveis e informações confidenciais dos usuários, das empresas em que trabalham e de seus clientes e fornecedores.

Seguradoras se adequaram

Para acompanhar a crescente demanda por sistemas de proteção adequados à nova realidade, as seguradoras tradicionais do mercado passaram a oferecer uma variedade de opções de seguros para atender às necessidades dos trabalhadores e das empresas em regime home office. As apólices de seguro ficaram divididas em algumas categorias, como o seguro residencial, que protege a casa e os aparelhos do segurado, mas não cobre os aparelhos de trabalho que são propriedade do empregador daquela pessoa, ou de aparelhos de trabalho de um profissional autônomo.

Outra modalidade é a do seguro empresarial; nessa categoria, os aparelhos de trabalho de propriedade do empregador estão seguros, mesmo quando em posse do colaborador ou quando é um trabalhador autônomo, mas não cobre nenhum outro objeto, posse ou residência. Por fim, surgiram as apólices mistas, que unem o seguro residencial do trabalhador com o seguro empresarial do empregador, e muitas dessas apólices podem ser personalizadas para incluir coberturas adicionais para equipamentos de trabalho.

Como escolher o melhor seguro

Ao buscar um seguro para equipamentos em home office, é muito importante considerar alguns aspectos para garantir a proteção e cobertura desejadas. Em primeiro lugar, os profissionais devem avaliar quais são as suas necessidades específicas, levando em conta o tipo de equipamento, o valor investido e de mercado dos mesmos, assim como quaisquer outros riscos associados ao trabalho remoto.

Além disso, é muito importante se atentar aos termos e às condições de cada apólice e de cada seguradora diferente, pois, embora possam parecer iguais, muitas apólices podem cobrir determinados tipos de eventos e danos, enquanto outras se isentam.

Por fim, é preciso comparar as diferentes opções disponíveis no mercado, levando em consideração não apenas o custo do prêmio, mas também a reputação da seguradora, seu histórico de atendimento ao cliente e a qualidade de suas coberturas.



INSURTECH & INOVAÇÃO 2024

O MAIOR EVENTO DE INOVAÇÃO EM SEGUROS DA AMÉRICA LATINA
12 E 13 DE NOVEMBRO DE 2024 | PRO MAGNO CENTRO DE EVENTOS - SÃO PAULO

NÃO PERCA A CHANCE DE PARTICIPAR

PATROCINE



INSCREVA-SE



MAIS INFORMAÇÕES: WWW.CQCSINSURTECH.COM.BR

Você conhece as NOVAS TECNOLOGIAS E INOVAÇÕES APLICADAS ao mercado de seguros?

Por José Prado, CEO do Insurtech Brasil

As novas tecnologias estão transformando o mercado de seguros. Mais do que ideias, algumas delas estão se tornando realidade muito mais rápido do que prevíamos. Nos últimos dez anos, o mercado mudou mais do que nos cem anos anteriores. Embora as seguradoras tenham agido mais lentamente do que esperávamos, a maioria reconheceu a necessidade de mudança. Os maiores responsáveis por essa transformação foram as insurtechs, novas empresas que surgiram com foco em desenvolver soluções que utilizassem a tecnologia para resolver uma dor ou melhorar a experiência do usuário.

Nos últimos anos, as novas tecnologias e inovações trazidas pelas insurtechs, as consequências macroeconômicas da covid-19, questões ambientais, sociais e de governança (ESG), e desafios relacionados à força de trabalho também se tornaram mais proeminentes na agenda das seguradoras. Alguns players aproveitaram a oportunidade para repensar suas estratégias de longo prazo, pois noções de confiança e propósito social agora desempenham um papel maior na indústria do que nunca.

Outro fator que contribuiu muito para essa inovação do mercado de seguros no Brasil foi o Sandbox da Superintendência de Seguros Privados (Susep), que criou um ambiente regulatório experimental para incentivar a implantação de projetos inovadores em produtos e serviços a serem ofertados no mercado de seguros. Esse conceito ajudou as empresas a desenvolverem novas metodologias, processos, procedimentos e tecnologias em todas as etapas de sua operação.

A partir do Sandbox, surgiram novas seguradoras, levando coberturas de seguros para milhares de brasileiros e melhorando a experiência dos usuários, como o fim do período de carências, a simplificação na contratação, e a maior agilidade e transparência no processo de sinistros. Além disso, segundo um levantamento recente do Insurtech Brasil, 62% dos clientes das insurtechs participantes do Sandbox nunca tinha contratado uma apólice de seguros, o que demonstra um processo de inclusão nunca visto anteriormente.

Outro indicador de sucesso é a quantidade de projetos que já pediram a licença de seguradora definitiva. Nas duas primeiras edições do Sandbox, 32 empresas aplicaram e foram aprovadas para utilizar o ambiente regulatório e testar suas inovações. Atualmente, Pier e Darwin, que já possuem a licença definitiva, e outras cinco seguem aguardando a conclusão desse processo – casos da 88i, Iza, Split Risk, Simple2U e Thinkseg.

Como se não bastasse, recentemente a Susep anunciou que um terceiro edital do Sandbox deve estar disponível no início do segundo semestre deste ano. Ou seja, mais empresas e inovações vão vir por aí. Por vivenciar esse ambiente há muitos anos, confesso que estou bastante empolgado porque acredito ser uma ótima oportunidade para



Prado: novo edital do Sandbox para o 2º semestre

novos projetos de sucesso no mercado.

Além disso, temos hoje diversas empresas de tecnologias que tem ajudado seguradoras e corretoras, um mercado que floresceu nos últimos anos com entrada de empresas internacionais e o surgimento de novas soluções. Tanto que as áreas de inovação possuem hoje um papel muito mais estratégico para as seguradoras.

E as oportunidades não estão só no mercado de seguros. É importante se atentar a outros setores para trazer startups que podem fazer a diferença. Como por exemplo, a fintech Vindi, que ajuda seguradoras na cobrança recorrente, Pix e na inadimplência.

Todo esse processo, apesar dos avan-

ços, continua acelerando com o surgimento de novas tecnologias, vide o salto que tivemos em inteligência artificial (IA) nos últimos 12 meses. Ao mesmo tempo, é preciso saber separar a inovação real de ‘modas passageiras’ como vimos no metaverso, que praticamente desapareceu sem gerar mais receitas para as seguradoras que chegaram a investir milhões nisso.

Já a Inteligência Artificial (IA) revolucionará a subscrição, avaliação de riscos e processamento de sinistros, automatizando tarefas complexas, melhorando a precisão das análises e detectando fraudes com maior eficiência, tornando os processos mais rápidos, precisos e confiáveis.

Existem ainda algumas tecnologias com grande potencial para impactar o mercado de seguros nos próximos anos que eu não posso deixar de citar, como o Open Insurance, que promoverá transparência e interoperabilidade; o Big Data e o Analytics, que aprimorarão a avaliação de riscos; e o Embedded Insurance, que integrará seguros em outros serviços, facilitando o acesso dos consumidores.

É com base em todos esses exemplos que eventos como o Insurtech Brasil 2024 são bastante importantes para o desenvolvimento da nossa indústria. Pioneiro em sua proposta de apresentar tecnologias e inovações ao mercado de seguros, é o encontro mais dedicado a inovação no setor de seguros no Brasil.

Porém, mais do que apresentar inovações, é fundamental também inserirmos dentro do nosso ecossistema outros setores que podem contribuir para o crescimento do mercado de seguros brasileiro. É o caso, por exemplo, de fintechs, varejistas, super apps e muitos outros setores que podem comercializar produtos de seguro a partir de novas tecnologias.

No ano passado, por exemplo, no palco do Insurtech Brasil foram apresentados cases como Nubank, Sem Parar, iFood, PicPay e Kabum. Apesar de nenhuma dessas empresas ser do mercado segurador, todas elas estão utilizando com sucesso produtos de seguros para ampliarem suas receitas.

E antes que me perguntem do

corretor, acredito que ele será um dos principais beneficiados de todo esse processo. Embora o aprendizado dessas novas tecnologias seja desafiador, ele traz inúmeras oportunidades de negócio, permitindo que o corretor foque no atendimento personalizado e no relacionamento humano, o que nenhuma tecnologia irá substituir. Para os próximos anos vejo que as maiores oportunidades para aplicação de tecnologias e empreender estão justamente em apoiar e resolver as dores reais dos corretores.

Por tudo isso, antes de encerrar gostaria de aproveitar este espaço para convidar você para acompanhar a 7ª edição do Insurtech Brasil, evento que acontecerá no dia 3 de julho, no Amcham Business, em São Paulo. O encontro debaterá alguns dos principais temas e desafios que o mercado enfrenta para crescer e inovar. Então, não importa se você é securitário, empreendedor, corretor ou mesmo um empresário de outro segmento. Se tem planos para aproveitar as oportunidades que a tecnologia está trazendo ao setor, não pode ficar de fora dessa!



Sustentabilidade no TRANSPORTE PESADO



Antônio Cruz/Agência Brasil

Catão: “Iremos avaliar quais modificações regulatórias podem ou não serem realizadas”

Em busca de alternativas mais sustentáveis e com menos emissões de gás carbônico para o transporte de cargas no país, a Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran) deu início, em abril, a uma fase de testes de caminhões elétricos pesados no Brasil. “Esse momento demonstra que o Ministério dos Transportes e o governo do presidente Lula estão preocupados em aprimorar a regulação brasileira para o bem-estar do Brasil”, disse o secretário Aduardo Catão.

O test drive inclui dois caminhões elétricos do estudo. De acordo com o secretário, o papel da Senatran é analisar qual o impacto na segurança viária e no pavimento, com as adaptações feitas aos caminhões que o estudo pretende analisar. “Iremos avaliar quais modificações regulatórias podem ou não serem realizadas, com o resultado dos estudos”, afirmou.

Os dez veículos que fazem parte desse regime experimental são voltados principalmente para rodar em zonas urbanas, regiões metropolitanas e no transporte intermunicipal de curtas e médias distâncias. A intenção é verificar como caminhões pesados elétricos se comportam neste tipo de operação, como é o seu desempenho e o impacto no pavimento.

Descarbonização

A agenda de descarbonização no setor tem sido tratada como prioridade pelo governo federal, desde o início da gestão, e o Ministério dos Transportes segue engajado nessa pauta. “Somos modelo para o mundo em geração de energia limpa, com uma frota em que aproximadamente 85% dos veículos são híbridos. O Brasil é o país que menos emite carbono, na média por veículo utilizado por cidadão, porque a gente já incorpora na gasolina um percentual de etanol que está em crescimento”, ressalta o ministro Renan Filho.

Além do secretário, também participaram do início da fase de testes dos caminhões pesa-

“Análises iniciais apontam que os caminhões elétricos apresentam vantagens para a segurança viária, como alta eficiência energética, inexistência de ruído, baixo nível de vibração, além de zero emissão de gás carbônico”

dos elétricos o presidente da Volvo América Latina, Wilson Lirmann; o presidente da ReiterLog, Vinícius Reiter Pilz e o presidente da Ritmo Logística, Paulo Carvalho, além de outras autoridades.

Parcerias

O estudo conduzido pela Senatran conta com coordenação técnica do Instituto Nacional de Projetos para Trânsito e Segurança (Inprotran), além de parceria com a montadora de caminhões Volvo, a fabricante de pneus Prometon, a Universidade de Brasília (UnB) e o laboratório de pavimentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Iniciado em dezembro de 2022, o estudo contou com diversas análises de laboratório até chegar ao momento de levar os veículos para testes práticos em rodovias públicas.

Análises iniciais apontam que os caminhões elétricos apresentam vantagens para a segurança viária, como alta eficiência energética, inexistência de ruído, baixo nível de vibração, além de zero emissão de gás carbônico. Pelo cronograma da Senatran, a fase de testes dos caminhões pesados elétricos deve durar de dez meses a um ano.

“Este momento é de grande satisfação para a Senatran”, finalizou o secretário Aduardo Catão. (Fonte: Governo Federal e ANTT).

VEM AÍ

Troféu Gaivota de Ouro

NOVEMBRO DE 2024

ORGANIZAÇÃO: REVISTA SEGURO TOTAL
REALIZAÇÃO: PUBLISEG EDITORA

25 anos premiando vencedores

Excelência em ...

REVISTA **segurototal**

Gestão do risco no transporte: MELHOR PREVENIR DO QUE REMEDIAR

Não se concebe mais uma atividade econômica que gere divisas para o país sem a adoção de medidas de proteção à carga

Por Carlos Alberto Pacheco

Um dos fatores para o desenvolvimento da indústria brasileira e o setor de infraestrutura é adoção de um Plano de Gerenciamento de Riscos. Muitas ocorrências graves e acidentes podem ser evitados ou ao menos amenizados com a atuação do risk manager. Este profissional que, em certas situações, é relegado a um plano secundário nos organogramas das empresas, identifica perigos em potencial, avalia a dimensão do dano eventualmente causado e estabelece medidas de controle.

O gerenciamento de risco no transporte de cargas é uma estratégia preventiva e fundamental que visa minimizar a repetição de acidentes nas estradas. Ao prevenir de forma estratégica e mitigar sinistros de grande repercussão, a gestão do risco se torna providência sine qua non seja qual for a situação que o transportador e/ou embarcador se defronte. Não se concebe mais uma atividade econômica que gere divisas para o país sem a adoção do PGR.

Por exemplo: o aumento roubo de cargas no Brasil. Segundo relatório da Overhaul, empresa de software de gerenciamento de riscos e visibilidade da cadeia de suprimentos, essa modalidade de crime teve acréscimo de 4,8% em 2023. Ao longo do ano, foram registradas um total de 17.108 ocorrências. Especialistas preveem crescimento de 1,1% no roubo de cargas em 2024 ou 17.298 eventos. Em suma: apólices que garantem os riscos de roubo ou furto devem exibir claramente regras de GR. Estas estabelecem quais produtos, em que situações e valores por veículo precisarão atender determinadas regras para reduzir ou evitar o prejuízo.

Estes mesmos especialistas garantem que estratégias de gestão de risco são indispensáveis no transporte via modal rodoviário responsável pelo escoamento de commodities justamente pelo fato de que o Brasil possui o agronegócio como fator primordial no desenvolvimento econômico e ser responsável por 23,8% do PIB. Hoje, o país é o terceiro maior exportador mundial de produtos agropecuários – cerca de US\$ 150 bilhões, atrás apenas da União Europeia e Estados Unidos.



Para Kelly, gestão de riscos para empresas de transporte é ação fundamental

► Operações seguras e sustentáveis

Os players são unânimes: o gerenciamento de riscos é vital para a cadeia logística. “Hoje, embarcadores, transportadores e seguradoras se utilizam desse serviço para garantir eficiência, segurança e garantia da entrega e resultado dos seus negócios”, garante o CEO da Buonny, Eliel Fernandes. E o sucesso das operações reside em medidas efetivas que garantam o cumprimento da missão de transportar a carga com eficácia.

“O gerenciamento de riscos no setor de transporte é fundamental para viabilizar operações seguras, eficientes e sustentáveis. Ele permite às empresas identificar, avaliar e mitigar proativamente os riscos”, reforça Lygia Muriel, diretora-executiva do Grupo Apisul SP. Para ela, trata-se de uma “gestão proativa” que não só protege ante a perdas financeiras e danos físicos, mas também fortalece a confiança entre parceiros comerciais, contribuindo para a construção de relações duradouras e confiáveis.

Na análise da CEO da Global 5, Kelly Simões, a gestão de riscos para empresas de transporte é ação fundamental. Kelly ressalta que, embora a obrigatoriedade do seguro de carga seja reconhecida pelo setor, “ainda há margem para aprimorar a conscientização dos empresários sobre o valor agregado que o gerenciamento de riscos proporciona”. Segundo a executiva, a gestão de riscos vai além do cumprimento de regulamentos, sendo uma ferramenta essencial para melhorar a eficiência operacional e reduzir custos.

A atuação do risk manager neste universo exige um olhar holístico, pois há muitas variáveis envolvidas no transporte de carga. “Um PGR eficaz possibilita às empresas se adaptarem e prosperarem em um mercado em constante mudança, transformando potenciais ameaças em oportunidades de inovação e crescimento. Não podemos deixar, contudo, de mencionar do impacto na sinistralidade das apólices de seguros”, ponderou Lygia, do Grupo Apisul. Em sua análise, o impacto do GR no setor



Lygia: GR permite às empresas identificar, avaliar e mitigar proativamente os riscos



Boutti: rastreamento propicia visibilidade da cadeia de suprimentos em tempo real

de transportes é realmente vasto, abrangendo desde a melhoria da segurança e eficiência operacional até o fortalecimento das bases para um desenvolvimento sustentável e competitivo.

Fernandes, da Buonny, lembra que as gerenciadoras de risco se aprimoram a cada dia adquirindo equipamentos e implementando processos, metodologias e tecnologias que mitigam os fatores de riscos que levam a perdas. Kelly, da Global 5, por sua vez, faz um alerta, na medida que há uma mudança de paradigma neste cenário. “Deve-se enxergar o gerenciamento de riscos como um investimento estratégico, não apenas custo operacional. Quando os empresários compreendem esse valor, a gestão de riscos se torna uma aliada vital, promovendo uma cultura de segurança e eficiência no setor de transportes”.

► Rastreadores e logística

A atividade de gerenciamento de risco possui aliadas fundamentais neste processo: o rastreamento, o monitoramento e a logística formando uma espécie de quarteto nas ações das empresas. Na ótica do diretor de Operações da Sat Company, Rodrigo Boutti, tais ações ajudam a identificar e mitigar riscos, preservar a integridade das mercadorias e otimizar a eficiência operacional. “Por meio do gerenciamento de risco e a utilização de rastreadores que combinam diversas tecnologias, as empresas podem reduzir perdas financeiras e incidentes”, destaca Boutti.

O executivo reforça a importância do rastreamento no transporte, ao propiciar “uma visibilidade completa da cadeia de suprimentos em tempo real, enquanto o monitoramento contínuo das condições da carga e do desempenho dos veículos e motoristas garante operações mais seguras e eficazes”. Em conjunto – segundo Boutti – esses elementos contribuem para a confiabilidade e competitividade das empresas de transporte de cargas.

Evento dinâmico, abrangente e estratégico

O gerenciamento de risco é tema que será discutido no ST Summit Inovatec 2024 – Transporte de Cargas Perigosas, marcado para o dia 30 de julho, no hotel Estanzola International, em São Paulo. O evento chega turbinado, com um formato dinâmico, abrangente e estratégico. A programação especial, recheada com os mais importantes temas e apresentação de cases e inovações tecnológicas, vai reunir renomados palestrantes, especialistas, corretores, empresas prestadoras de serviço e seguradoras que atuam em toda a cadeia produtiva.

O Summit Inovatec é idealizado pela área de eventos da Revista Seguro Total. O encontro já conta com o apoio institucional de entidades representativas, como, por exemplo, o Clube Internacional de Seguros de Transporte (CIST), a Associação Brasileira de Gerência de Riscos (ABGR) e Sindicato dos Corretores de Seguros do Estado de São Paulo (Sincor-SP). “Será um encontro para discussão de temas de muita relevância para a indústria”, ressalta o diretor da Revista Seguro Total, José Francisco. Veja mais informações e se inscreva no link <https://acesse.one/k5HKq>.



Evelyn: rol de medidas de proteção à carga possui respaldo em soluções tecnológicas

“A logística desempenha um papel essencial no plano de gerenciamento de risco das empresas de quaisquer setores, sendo crucial para a eficiência operacional e a minimização de contratempos e mitigação”, afirma o diretor da Servis Logística, David Silva. Como empresa especializada em soluções logísticas, a Servis compreende a importância da mitigação de riscos em toda a cadeia de suprimentos, o que inclui planejamento de rotas seguras, gestão de inventário que impeça escassez ou excesso, segurança no transporte com medidas como monitoramento em tempo real e respostas rápidas a emergências.

Além de serviços personalizados para cada empresa como Rotogramas e PGR, Silva destaca a importância dos sistemas integrados de alta tecnologia, que auxiliam na logística direta. Parcerias estratégicas também são imprescindíveis para garantir os padrões elevados de qualidade e segurança. “Em suma, ao integrar práticas logísticas eficientes e otimizadas, as empresas podem aumentar a segurança, proteger seu patrimônio e preservar sua reputação”, finaliza o diretor da Servis.

► Benefícios da tecnologia no GR

O rol de medidas de proteção à carga possui respaldo nas soluções tecnológicas essenciais para o bom desempenho do transporte. É o que assevera a gerente de GR da SIGA, Evelyn Martins. “O avanço da tecnologia no GR, aliado à experiência adquirida no ramo, tem sido solução eficaz para a prevenção de perdas, proporcionando acessibilidade e rapidez no acesso às informações”, comenta

Para Evelyn, o avanço da tecnologia possibilita “a realização do estudo de perfil, que pode incluir dados como, quais os produtos recorrentes transportados, e as principais rotas em que cada motorista está habituado a transitar, bem como a identificação de fraudes antes mesmo do carregamento, e prevenção de possíveis ‘clones’”. A gerente acredita que estas análises podem apontar algumas tendências ao evitar que o transportador seja vítima de possíveis golpes.

É fato que entre os players, a tecnologia desempenha papel estratégico no gerenciamento de riscos na gestão do transporte. “Por meio dos processos tecnológicos podemos identificar possíveis ameaças através da coleta e

análise de dados antes e durante o transporte facilitando a tomada de decisões ágeis”, emenda Thiago Marques, head de insurtech da NDD Tecnologia. Em sua opinião, a digitalização dos processos de transporte “favorece os avanços de comunicação e gestão além de ajudar na prevenção de acidentes e sinistros em geral, garantindo um transporte mais seguro e eficiente”.

As companhias se aperfeiçoam cada vez mais em desenhar soluções que atendam às necessidades do setor. Um exemplo: as inovações em videomonitoramento e reconhecimento óptico de caracteres (OCR), introduzidas pela Omnilink, transformam a gestão de riscos no transporte, oferecendo uma vigilância avançada e contínua dos veículos, afirma o presidente da empresa Eduardo Lacet. Para ele, a tecnologia não só melhora substancialmente a segurança e eficiência operacional, como redefine a gestão de frotas.

Na análise de Lacet, o sistema OCR agiliza a análise de placas de veículos, identificando rapidamente possíveis infrações ou situações de risco próximas, e potencializa a capacidade de monitoramento e gestão de informações de tráfego. Em suma, o presidente argumenta que soluções tecnológicas de ponta que não apenas elevam o padrão de segurança e eficiência em gestão de frotas, “mas também se posicionam como instrumentos cruciais na mitigação de riscos no setor de transportes, assegurando uma operação mais segura, eficiente e satisfatória para clientes e gestores de frotas”.

Gestão do risco no transporte: melhor prevenir do que remediar. Essa não é uma frase simplista e reúne alguns atributos indispensáveis para o sucesso das operações. A denominação “GR” vai além: mobiliza tratamento adequado das informações, rastreamento, monitoramento e logística. No modal rodoviário, em sua consciência, não se concebe qualquer processo de escoamento de cargas sem um planejamento específico para o transporte deste ou daquele produto. Esse é o desafio que se impõe para os principais players do setor. Até porque a riqueza do país transita pelas estradas brasileiras e ainda depende muito delas. Já o governo deve e precisa fazer sua parte ao resolver o gargalo logístico.

Certificação em GR para corretores de seguros

A Escola de Negócios e Seguros (ENS) lançou recentemente um produto premium voltado aos corretores: Certificação em Gerenciamento de Riscos para Corretores de Seguros. O curso objetiva proporcionar uma compreensão abrangente das práticas e técnicas essenciais para o GR eficaz, no contexto do mercado de seguros. O programa é destinado aos corretores que desejam se aprofundar no gerenciamento de riscos como ferramenta para a manutenção e prospecção de novos clientes, observando e analisando diversos fatores que impactam diretamente o setor.

Em um contexto de grande relevância e contemporaneidade, serão estudados temas como LGPD, nome social, guerras em andamento, novos surtos, endemias

e pandemias. Além dos ensinamentos teóricos, o curso também terá viés prático ao apresentar cases e depoimentos de convidados especiais.

A coordenação acadêmica fica a cargo do superintendente Técnico e Operações na Alba Seguradora, Evandro Baptistini. O executivo ressalta: “A partir do conhecimento teórico e aplicação prática dos mais diversos ramos de atividades empresariais, o corretor proporciona um risco de melhor qualidade, ou seja, um estabelecimento de medidas protetivas, procedimentos operacionais adequados e colaboradores bem treinados. E isso reflete numa melhor aceitação desse risco pelas seguradoras e, consequentemente, uma melhor precificação para o seu cliente”.

Tendências para o gerenciamento de risco no TRANSPORTE DE CARGAS

O roubo de cargas é uma das principais preocupações no segmento de transportes e logística. Segundo a Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística (NTC & Logística), somente em 2020 foram registrados 14.159 sinistros no Brasil, cujos danos ultrapassam R\$ 1,2 bilhão. Para evitar riscos e prejuízos, é muito importante acompanhar as tendências de gerenciamento de risco no transporte de cargas. Pensando nisso, o CEO e fundador da SmartLoad, Sylvio Bispo, dá dicas sobre o tema.

► Avaliação de padrões de comportamento dos motoristas

Para ter uma avaliação mais clara de quais riscos o motorista está predisposto, é mais valioso fazer uma análise dos comportamentos do profissional do que apenas uma análise de perfil. Um exemplo claro é, caso o motorista tenha multas, avaliar quais regras de trânsito ele infringiu. Entre um motorista que possui pontos na CNH por dirigir em um dia de rodízio e outro que foi autuado por excesso de velocidade ou uso de celular, o que levou pontos por dirigir em dia de rodízio apresenta menos riscos de tombamentos, colisões e acidentes.

As cargas e locais de operação habituais do profissional também ajudam a medir se o condutor é o mais adequado. Ficar atento às últimas rotas do motorista é uma dica para as empresas de transporte de carga gerarem valor na prestação de serviço e segurança. Um condutor que roda frequentemente por uma determinada área é mais confiável para realizar o transporte do produto do que um que raramente faz aquela rota. A tendência de sucesso é muito maior quando se conhece a jornada, locais de parada, locais de riscos, vias menos problemáticas e até mesmo locais de possíveis emboscadas.



► Análise de dados

Atualmente, não existe um banco de dados no segmento de transporte de cargas que sinalize se uma mercadoria é adequada para ser transportada em uma região específica. Muitas vezes, o aprendizado vem a partir da experiência, e as experiências podem custar caro. A análise dos dados a respeito da logística escolhida para o transporte de uma carga é eficiente ao apontar se um produto deve passar por determinada região em um determinado horário. Se o cruzamento de dados sinaliza que determinada rota não é segura para aquela mercadoria, uma ferramenta de gestão de riscos pode indicar a necessidade da escolta policial ou de um ajuste logístico para evitar que o trânsito em determinado horário ou rota aconteça.

► Novas formas de rastreamento

Atualmente, os rastreadores seguem um padrão básico de mercado. Funcionam como localizadores de cargas móveis ou fixos, com bloqueadores e imobilizadores inteligentes, que impedem que, durante uma abordagem, o veículo siga se movendo depois de um tempo. Esse padrão, utilizado há muitos anos sem nenhuma atualização, pode até ser eficiente no momento de uma abordagem, mas não são suficientes para prevenir sinistros, que é a melhor forma de evitar um roubo.

Utilizar ferramentas ligadas ao transporte, como meios de pagamento eletrônico ou tags de pedágio, integradas com todo o aparato já existente de segurança, é uma alternativa para tornar o rastreamento mais eficiente. No entanto, a infraestrutura das telecomunicações brasileiras, por enquanto, ainda não suporta a construção dessas novas formas de rastreamento.

► Risco extra: ambiental

O segmento de gerenciamento de riscos não se restringe aos riscos de sinistros, os riscos ambientais também se tornaram uma preocupação do mercado. A definição de uma logística com operações mais verdes, com menos emissão de gases, otimização de combustíveis e outros insumos, como borrachas e fluidos, se tornou um grande diferencial. Empresas que se preocupam com o meio-ambiente e possuem práticas ESG ganham cada vez mais destaque e vantagens comerciais.



Encontro reuniu parlamentares, executivos e representantes de entidades do setor de transporte

LEGISLAÇÃO PRECISA APERFEIÇOAR um dos pilares do desenvolvimento

Os caminhos e o impacto da reforma tributária no setor foi o tema da 23ª edição do Seminário Brasileiro do Transporte Rodoviário de Cargas, que aconteceu em Brasília no início de maio. O encontro reuniu parlamentares, executivos e representantes de entidades do setor de transporte de todo o país, iniciativa da Comissão de Viação e Transportes da Câmara Federal, em parceria com a Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística (NTC & Logística).

Fernando Mombelli, gerente de Projetos da Receita Federal, iniciou os debates. “Um dos problemas da base tributária era a diferenciação entre serviço e produto. Havia também a opção pela tributação em detrimento da eficiência e da logística. Uma reforma tributária requer consenso, algo que não foi possível nas tentativas anteriores. Pela Emenda Constitucional 132, tivemos a introdução do IVA, agrupando bens materiais e imateriais, direitos e serviços para evitar controvérsias jurídicas. Além disso, foi instituída a possibilidade ampla de crédito e a tributação sobre o valor selecionado, promovendo o princípio de neutralidade”, ponderou.

Já a advogada tributarista Alessandra M. Brandão Teixeira lembrou que “levar as demandas do setor é muito positivo para a democracia”. Ela abordou o histórico da Reforma Tributária no país, discutindo questões relacionadas aos fretes no transporte de cargas, inflação, regimes de tributação, entre outros tópicos compartilhados com os presentes.

A sua colega, advogada tributarista Valdete Marinheiro apresentou os rumos, desafios e oportunidades de adaptação ao novo ambiente fiscal para as empresas transportadoras. “Estamos aqui, essencialmente, para discutir a Reforma do setor de consumo. Temos muitas preocupações e buscamos compreender essas mudanças e seu impacto no transporte rodoviário de cargas, para viabilizar os propósitos em comum”, pontuou.

O diretor da CBPI, Emerson Casali, por sua vez, ressaltou: “O modelo de análise dessa reforma é totalmente diferente, pois o regime não cumulativo é distinto. Teremos problemas como aumento da carga tributária, distorções setoriais significativas, mudanças do lucro presumido para o lucro real, bem como questões regionais. No entanto, segundo ele, haverá uma simplificação considerável e maior automatização, redução do custo burocrático, isenção de investimentos, maior competitividade em nossos produtos e uma opção para a progressividade.

Como conclusão das apresentações, o diretor jurídico da NTC & Logística, Marcos Aurélio Ribeiro, pontuou considerações sobre o Imposto sobre Valor Agregado (IVA) e sugestões práticas para o aperfeiçoamento do Projeto de Lei e da Reforma Tributária. “Sempre fui um entusiasta da Reforma Tributária. Hoje, ela é uma realidade, e cabe a nós apontarmos sugestões de correções e aperfeiçoamentos que possam minimizar alguns efeitos negativos para o TRC. Uma forma de desonerar a folha é calcular o crédito presumido com base no que é pago pela folha de salário. Quem contribuir sobre a folha de salário terá o direito de deduzir isso da CBS (Contribuição sobre Bens e Serviços). Esta é a sugestão que eu gostaria de deixar aos senhores deputados”, concluiu o diretor.

Antes de encerrar o evento, porém, Fernando Mombelli, respondeu algumas indagações do público e fez suas últimas ponderações. O término do evento ficou a cargo do deputado Hugo Leal, que agradeceu a presença de todos. Ao final, a NTC procedeu à entrega de um troféu para cada participante da abertura, do painel e para os representantes da Comissão de Viação e Transportes. (Fonte: NTC & Logística)

NETWORKING E DEBATES de alto nível



O evento é considerado o maior encontro dos profissionais de gestão de riscos. Pelos cálculos dos organizadores, o IV Encontro Presencial Fórum de GR reuniu cerca de 700 profissionais do setor e áreas relacionadas em São Paulo, no dia 30 de abril. Além das palestras que motivaram reflexões entre os participantes, muito networking, troca de conteúdo e negócios completaram o encontro. O tema deste ano foi “Gestão da Mudança e Administração de Riscos”.

Com o tempo, o Fórum de GR se tornou o principal hub de informações e troca de conhecimento entre profissionais de gestão de riscos no Brasil. O nível dos conferencistas, por exemplo, comprova o sucesso. Nesta edição, especialistas renomados ministraram palestras, como Alexandre Gerardo, diretor-geral da Acer Brasil, Glades Chuery, diretora da Taticca Allinial Global Brasil, Mário Junior, sócio-fundador do IRPC Brasil e Amyr Klink, navegador e escritor.

Na área de exposição, algumas das maiores empresas do segmento receberam os profissionais e apresentaram suas soluções para os diversos tipos de risco. O consultor de projetos logísticos, seguros de transportes e riscos, Robson Cristiano Souza, cumprimentou Leonardo Cerqueira de Souza, Fabricio Souza e Angélica Viegas Santana pela realização do Fórum de GR. “Foi um evento excelente, incrível, que proporcionou insights importantíssimos sobre gerenciamento de riscos”, disse Souza. Ele se comprometeu a criar uma ligação entre o Poder Legislativo e as causas do gerenciamento de riscos no Brasil. “Juntos, podemos alcançar resultados significativos”, acrescentou.

Já a CEO da Global 5, Kelly Simões, considerou a sua

participação do fórum muito enriquecedora. “A troca de conhecimentos e experiências entre os participantes proporcionou insights valiosos sobre as melhores práticas e desafios comuns enfrentados na área. As discussões foram profundas e estimulantes, destacando a importância de uma abordagem proativa e estratégica para mitigar riscos e proteger os interesses da organização. Além disso, foi uma oportunidade única para expandir minha rede profissional e estabelecer conexões significativas com outros profissionais dedicados ao gerenciamento de riscos”, reforçou Kelly.

“Mais um encontro presencial do Fórum de GR realizado com a expressiva participação de profissionais que são referência em suas áreas de atuação e empresas que oferecem as melhores soluções ao mercado”, disse Leonardo de Souza, um dos fundadores do Fórum de GR. Leonardo agradeceu a todas as pessoas que colaboraram para que o acontecimento fosse uma realidade. Em comunicado numa rede social, a Opentech reforçou as palavras de Leonardo: “Junto a outros líderes do setor, compartilhamos ideias e experiências, buscando melhorar ainda mais nossos serviços para atender às necessidades dos nossos clientes”.



Glades Chuery falou sobre o potencial da inteligência artificial generativa

REVISTA

segurototal

apresenta:

JORNADA DO SEGURO

3ª Edição - Em Setembro!

Estanplaza Internacional - São Paulo (SP)

Um **evento especial** para debater o **futuro do mercado de seguros**, com momentos únicos de **networking** e **integração** entre os participantes!

Mais informações em revistasegurototal.com.br!



Fraudes em seguros: **DESAFIOS E ÁREAS MAIS AFETADAS**

A fraude é um importante tema que aflige a todos na indústria do seguro. Nossa experiência de mais de 30 anos, lidando com as fraudes em seguros, nos permite afirmar se tratar de um verdadeiro câncer em nossa estrutura. Como na patologia clínica é uma moléstia de difícil cura, sendo que, na maioria dos casos, o tratamento é de mitigação de efeitos, o que também não é diferente em nosso meio profissional.

No cenário contemporâneo, as fraudes contra seguros representam um desafio significativo para o mercado segurador. A complexidade e sofisticação desses atos ilícitos foram evoluídos, exigindo respostas igualmente avançadas para combatê-los. A digitalização dos processos e a crescente interconectividade das informações proporcionaram muitas oportunidades quanto aos desafios nesse contexto. A detecção precoce e a prevenção eficaz tornaram-se imperativos para as garantias, que buscam proteger seus interesses e a integridade do setor.

As fraudes mais comuns podem variar substancialmente entre os diferentes tipos de seguros. No ramo de seguros de automóveis, por exemplo, é comum a ocorrência de fraudes envolvendo a simulação de sinistros ou o exagero nos danos alegados. No setor de saúde, os golpes frequentemente envolvem a cobrança por procedimentos não realizados ou o uso indevido de coberturas.

O seguro de vida também não está isento, com casos onde a falsificação de documentos ou a ocultação de informações relevantes no momento da contratação são práticas usuais para obter benefícios indevidamente. Além disso, seguros residenciais e de propriedades frequentemente enfrentam problemas com reclamações exageradas ou danos propositais para obtenção de valores maiores nas indenizações.

Para combater essas práticas, o mercado segurador tem investido em tecnologias avançadas de análise de dados e inteligência artificial, que permitem uma avaliação mais acurada dos riscos e uma detecção mais eficaz de padrões suspeitos. Além disso, a colaboração entre as empresas e a partilha de informações sobre fraudes conhecidas são essenciais para fortalecer o setor contra esses ilícitos.

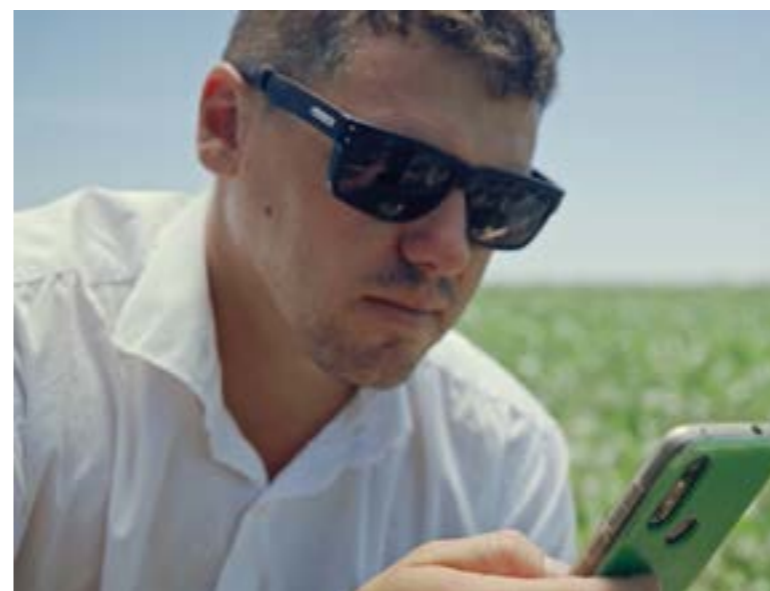
Em resumo, as fraudes em seguros são um problema multifacetado, que afeta várias áreas do mercado segurador. A constante evolução das técnicas fraudulentas exige que as seguradoras se mantenham sempre à frente com medidas inovadoras de prevenção e detecção. Também de suma importância é contar com parceiros especializados no assunto, tanto na detecção e apuração das fraudes em seguro, como também, na condução das consequências quanto a questão vai bater às portas do judiciário.

A partir desta edição, a Revista Seguro Total terá a colaboração mensal do doutor Clésio Galvão, palestrante renomado e especialista em fraudes contra o seguro, com vários trabalhos publicados sobre o tema. Clésio é pós-graduado em Direito Processual Constitucional e se considera um apaixonado pela técnica processual.

O especialista comanda o escritório Clésio Galvão Advocacia e possui sólida experiência em assessoria jurídica, atuando nos mais diversos campos do direito. Fundada em 2002, a banca atende a diversos segmentos empresariais, por meio de profissionais experientes e altamente qualificados.

A atuação do escritório abrange tanto a consultoria e assessoria jurídica preventiva, como também o contencioso judicial e administrativo. O modelo de trabalho está pautado na defesa dos interesses dos seus clientes diante de casos concretos, de forma preventiva e corretiva, visando minimizar os riscos de suas atividades. Segue, então, a primeira análise do advogado.

Plataforma que potencializa o gerenciamento da **SUSTENTABILIDADE E DA RASTREABILIDADE AGRÍCOLA**



Informações sobre desmatamento, índices de sustentabilidade e pegada de carbono, são elementos essenciais atualmente para avaliar o quão sustentável é um produto. Entretanto, apesar do avanço tecnológico dos últimos anos, gerenciar todas essas informações de maneira clara e objetiva em um único canal não tem sido tarefa fácil.

Para ajudar as empresas que possuem grandes extensões de terras arrendadas e gerenciam uma grande quantidade de pessoas e informações e precisa unificar os processos de gerenciamento, chega ao mercado a SIMA Bio. A nova plataforma avalia de fato a sustentabilidade e a rastreabilidade de produtos agrícolas e de forma integrada monitora cada etapa do cultivo, desde ordens de trabalho até fertilizantes.

A solução apresentada pela agtech SIMA (Sistema Integrado de Monitoramento Agrícola), desenvolvedora da tecnologia, chega para integrar o já consagrado SIMA Data Collection e oferece transparência e dados confiáveis para transformar a gestão ambiental de áreas produtoras. “Oferecemos suporte técnico e treinamento para garantir que os usuários aproveitem ao máximo a plataforma. Também destacamos que medidas de segurança são implementadas para proteger as informações confidenciais dos usuários”, acrescentou Victoria Corte, engenheira agrônoma,

especialista em agricultura digital e desenvolvedora de negócios de sustentabilidade da agtech.

Na prática, a plataforma registra e analisa as mudanças no uso da terra, fundamental para a conservação e planejamento. Esta funcionalidade está em conformidade com os padrões internacionais para certificações de sustentabilidade na agricultura, como Soja Sustentável, RTRS (Round Table On Responsible Soy), EPA (Agência Americana de Proteção Ambiental), EUDR (Produtos Livres de Desmatamento), entre outras. A ferramenta oferece também monitoramento de cultivos em tempo real, fornecendo informações atualizadas sobre seu estado para facilitar a tomada de decisões informadas.

Além disso, as unidades produtoras podem registrar e rastrear detalhadamente os agroquímicos utilizados em cada etapa de produção, o que simplifica o cumprimento regulatório e a gestão da segurança alimentar. Outro diferencial é o Cálculo do Índice de Impacto de Químicos (EIQ) desses agroquímicos, juntamente com sua proporção em cada cultura ou lote, ajudando assim os produtores a selecionar produtos mais seguros e sustentáveis. “Destas forma permitimos o acompanhamento das rotações de culturas, o que é fundamental para preservar a saúde do solo e prevenir doenças”, disse a especialista.

Pegada de carbono e biodiversidade

Com o SIMA Bio é possível calcular a pegada de carbono da produção agrícola, o que ajuda a reduzir as emissões e promover a sustentabilidade. Além deste importante cálculo, a plataforma disponibiliza ver o quanto as emissões seriam diminuídas com práticas agrícolas específicas e também gera simulações produtivas a longo prazo dessas reduções sem comprometer os rendimentos das culturas.

Segundo Victoria, ao promover essa implementação de práticas agrícolas e pecuárias, principalmente às empresas que possuem grandes extensões de terras e campos arrendados conseguem reduzir as emissões de metano e óxido nitroso, bem como o uso de energias renováveis para operações da empresa. “Além de fomentar a confiança entre os participantes da indústria e os consumidores, os usuários por meio dessa ferramenta, estarão gerando maior transparência na cadeia de suprimentos agropecuários”, complementa.

SEGURADORAS PROPÕEM NOVAS COBERTURAS

diante de catástrofes climáticas

O mercado de seguros apresentou, em audiência pública na Câmara dos Deputados, novas propostas de cobertura para pronta resposta de sinistros diante dos eventos extremos de enchentes e secas agravados pelas mudanças climáticas. O tema foi debatido na Comissão Especial sobre Prevenção a Desastres e Calamidades Naturais, com foco na redução das lacunas de proteção aos segurados e a seus bens.

Uma das novidades sugeridas é o Seguro Social de Catástrofe, que prevê indenização emergencial de R\$ 15 mil por moradia, paga no dia seguinte ao desastre ou logo após a decretação do estado de emergência ou de calamidade. O presidente da Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg), Dyogo Oliveira, explicou que essa proposta seria subsidiada por cobrança de R\$ 3 por mês na conta de energia elétrica.

“Foi desenhada para objetivamente ter celeridade, então, não vai demandar inspeção nem vistoria das unidades. A única demanda é que o município delimite a área afetada. Pelo nosso desenho, seria uma transferência por pix: todas as famílias receberiam, imediatamente após a delimitação da área [do desastre], uma transferência na

conta no valor de R\$ 15 mil de uso livre, para poder se restabelecer naquele momento de dificuldade”, explicou.

Seguro Rural

Em busca de solidez do mercado para pronta resposta aos efeitos das catástrofes climáticas no campo, também é previsto um Fundo de Seguro Rural (FSR), com participação da União (R\$ 4,5 bilhões) e das seguradoras e resseguradoras que operam o seguro rural. Dyogo Oliveira afirmou que a intenção é mudar o atual quadro do Programa de Seguro Rural (PSR), que cobre apenas 7,3 milhões de hectares, equivalentes a 6% da produção agrícola nacional. “Precisa ter um amortecimento desse sistema do seguro rural para que o preço médio do seguro fique mais estável e, portanto, atraia mais produtores para o sistema. E, do outro lado, há naturalmente o pedido de ampliação dos recursos para a subvenção do seguro rural para que possamos ter uma área coberta cada vez maior.”

Outros representantes do mercado de seguros lembraram que, em 2023, considerado o ano mais quente da história, os eventos climáticos provocaram 380 bilhões de

Dyogo Oliveira: o seguro rural cobre apenas 6% da produção agrícola nacional



Bruno Spada/Câmara dos Deputados

Ricardo Stuckert/Lula Oficial

dólares em perdas econômicas no mundo, dos quais apenas 118 bilhões de dólares estavam segurados. A lacuna (gap) de proteção chega a 70%.

Pelos cálculos das seguradoras, o setor privado do Brasil acumula R\$ 320 bilhões com prejuízos provocados por desastres naturais entre 2013 e 2022. Só na agropecuária, a perda chegou a R\$ 85 bilhões em 2022. As seguradoras também lembraram que 93% dos municípios brasileiros foram atingidos por eventos climáticos extremos nos últimos dez anos.

Proteção de florestas

Também com foco em sustentabilidade, a Brasilseg, que opera no canal do Banco do Brasil, apresentou proposta de seguro testada em cinco estados para reforçar o papel do produtor rural como “guardião de áreas florestais”, segundo o diretor de operações da empresa, Tiago Vieira. “Pelos números que a gente mapeou no contexto de mercado, são quase 200 milhões de hectares de florestas nativas que estão em mãos de proprietários rurais. Olhando pela base do CAR [Cadastro Ambiental Rural], são 7 milhões de imóveis já cadastrados. A nossa proposta é ajudar esses proprietários a manter essa área de preservação”, afirmou.

Infraestrutura Urbana

Durante a reunião, a analista de resiliência da organização Iclei - Governos Locais pela Sustentabilidade, Isadora Buchala, apresentou o Mecanismo de Seguro para Infraestruturas Urbanas (UIIF, na sigla em inglês), financiado pelo Banco de Desenvolvimento da Alemanha (KfW) e já aplicado em parceria com dez cidades da América Latina, entre elas Recife, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre.

O foco desse mecanismo está no apoio aos gestores públicos para ações de baixo carbono, economia circular e soluções baseadas na natureza, segundo Isadora. “Cem milhões de euros estão sendo colocados para que as cidades possam atuar nesse projeto. A gente está trabalhando com agrupamento de riscos para que esse tipo de seguro seja sustentável”, explicou.

Em nome do Instituto de Inovação em Seguros e Resseguros da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Gesner Oliveira mostrou o manual de conceitos e práticas elaborado para os municípios enfrentarem extremos climáticos. As ações são voltadas para economia circular, água de reuso e drenagem sustentável, com sugestões de aprimoramento do novo marco legal de saneamento básico (Lei 14.026/20). Já o presidente da Swiss Re Brasil Resseguros, Frederico Knapp, apresentou uma série de “soluções inovadoras” de transferência de riscos do setor público em curso em todo o mundo. (Fonte: Agência Câmara de Notícias)



Vinícius Loures/Câmara dos Deputados

Evair Vieira de Melo: as atuais ferramentas de socorro à população são insuficientes



LUTANDO CONTRA NEGAÇÕES DE SEGUROS CIBERNÉTICOS

devido ao “fator humano”

Por Joshua Gold *

O ataque de ransomware contra a Change Healthcare, subsidiária da United Healthcare, que congelou reivindicações e pagamentos médicos em todos os Estados Unidos durante semanas, deve servir como um alerta para todas as empresas e organizações, não apenas para maximizar as defesas cibernéticas, mas também para garantir que seus seguros as políticas responderão às perdas e responsabilidades decorrentes de um ataque cibernético. Os segurados devem saber que o “fator humano” não exclui a cobertura cibernética, apesar das companhias de seguros argumentarem rotineiramente que os sinistros são barrados ou limitados na cobertura quando funcionários, gestores ou outros seres humanos consideram as perdas sofridas devido a um incidente cibernético.

Por exemplo, um caso no início de 2024 envolvendo um programa de seguro cibernético “em camadas” vendido à Southwest Airlines não envolveu um hacker. Em vez disso, envolveu uma falha no sistema informático que o excesso de seguros cibernéticos da Liberty Insurance argumentou ser em parte devido às decisões de gestão da companhia aérea. Especificamente, após uma interrupção de três dias em 2016, a Southwest apresentou um pedido de cobertura cibernética de 77 milhões de dólares em perdas resultantes de enormes atrasos e interrupções nas suas operações.

A seguradora principal e três seguradoras excedentes pagaram o sinistro, mas a Liberty Insurance, a última camada da torre, objetou. A Southwest buscou cobertura para custos incorridos por meio de vários programas e iniciativas destinadas a ajudar quase meio milhão de clientes afetados por falhas no sistema, incluindo:

- Códigos promocionais FareSaver distribuídos a clientes com voos cancelados ou com atrasos superiores a duas horas
- Vouchers de viagem pagos a clientes com voos cancelados ou com atraso superior a duas horas
- Cobrir reembolsos feitos por agentes de atendimento ao cliente aos clientes mediante solicitação para compensar planos de viagem alternativos
- Pontos de recompensa distribuídos aos membros do

programa de passageiro frequente da Southwest com voos cancelados ou com atraso de mais de duas horas

- Custos de publicidade para uma extensão de uma semana de uma venda que a companhia aérea vinha promovendo no momento da falha do sistema

A Liberty Insurance negou a reclamação da Southwest, dizendo que as decisões administrativas discricionárias da companhia aérea causaram as perdas. O tribunal federal concordou, concluindo que “os custos da Southwest não foram causados pela falha do sistema, mas sim o resultado de ‘vários programas de recompensas, práticas e promoções de mercado puramente discricionários relacionados ao cliente’”. AS Apelações do Quinto Circuito reverteram o tribunal de primeira instância e reenviou o caso para análise de causalidade.

As apólices cibernéticas primárias e excedentes da Southwest prometiam cobertura contra falhas do sistema para “todas as perdas... que um segurado incorra... exclusivamente como resultado de uma falha do sistema”. Liberty argumentou que “todas as cinco categorias de custos que a Southwest alegou não foram incorridas apenas como resultado da falha do sistema, mas sim o resultado de decisões comerciais subsequentes da Southwest”, acrescentando que “a Southwest reconhece que esses custos foram o resultado de decisões de negócios.” A Southwest respondeu que tais decisões de negócios e as perdas que as acompanham não foram excluídas.

O Quinto Circuito concordou com a Southwest que a cobertura de tais itens de custo não poderia ser negada por uma questão de lei sob um teste de causalidade, “mas para” – isto é, se os custos em questão não teriam ocorrido “se não fosse” a interrupção do sistema. O tribunal de apelações devolveu o caso porque o tribunal de primeira instância não conseguiu determinar se a Southwest teria incorrido em algum desses custos se a interrupção do sistema não ocorresse.

Além disso, o Quinto Circuito recusou-se a encontrar exclusões específicas de apólices de seguro aplicáveis ao sinistro, decidindo que a definição da Liberty de exclusão



de “danos consequenciais” era tão ampla que tornaria efetivamente a cobertura ilusória. A decisão do Sudoeste do Quinto Circuito tem certos paralelos com reivindicações de cobertura anteriores para perdas cibernéticas, incluindo a decisão frequentemente citada do Segundo Circuito de 2018 em Medidata Solutions v. Federal Insurance Company, na qual o painel de apelação se recusou a concordar com a seguradora Chubb que as ações de certos funcionários cortou a cadeia de causalidade sob uma análise de causa imediata.

O tribunal rejeitou o argumento da Chubb de que a confirmação oral por um funcionário era uma das várias causas intervenientes para cortar a cobertura de fraude informática ao segurado. Da mesma forma, no caso G&G Oil Co. de Indiana v. Continental Western Insurance Co. de 2021, a Suprema Corte de Indiana rejeitou o argumento de uma companhia de seguros de que não havia cobertura sob uma apólice de seguro criminal para um ataque de ransomware em que o executivo do segurado “voluntariamente” fez um pagamento em criptomoeda aos hackers. O tribunal observou que o pagamento do resgate ao hacker não foi voluntário, mas feito sob coação e, portanto, não impediu a cobertura do seguro.

A decisão de 2016 do Oitavo Circuito no caso State Bank of Bellingham v. BancInsure Inc. apresenta outro exemplo de um tribunal que rejeitou o argumento de uma companhia de seguros de que decisões humanas ou erros humanos impediram a cobertura de uma perda cibernética.

O tribunal considerou que o banco tinha direito à cobertura de seguro, apesar do argumento da companhia de seguros de que a perda do banco foi causada pela entrada de um vírus no sistema como resultado da violação dos protocolos de segurança informática por um funcionário do banco.

Todos estes casos destacam que os segurados cibernéticos devem aceitar qualquer argumento de que as ações, decisões ou omissões dos funcionários de alguma forma rompem a cadeia de causalidade necessária para demonstrar a cobertura do seguro com cautela. Pode haver cobertura mesmo quando os segurados praticam uma higiene de segurança cibernética abaixo do ideal ou tomam decisões destinadas a mitigar perdas. As violações cibernéticas catastróficas são graves e caras, tornando especialmente imperativo que as organizações se preparem para encontrar cobertura para enfrentar essas tempestades. (Fonte: Risk Management Magazine – RIMS)

*Joshua Gold é acionista do escritório de Anderson Kill em Nova York, presidente do grupo de recuperação de seguros cibernéticos de Anderson Kill e copresidente do grupo da indústria de carga marítima da empresa. Ele é coautor com Daniel J. Healy de “Cyber Insurance Claims, Case Law, and Risk Management”, publicado em 2022 pelo Practising Law Institute.

Parceria em seguro viagem

A Bradesco Vida e Previdência e a Central de Negócios Turísticos (CNT) anunciaram uma parceria para a comercialização de seguro viagem da companhia em planos nacionais e internacionais. “A parceria com a CNT mostra a confiança que o mercado tem em nossos produtos e serviços”, afirma Bernardo Castello, diretor da Bradesco Vida e Previdência. Para André Khouri, CEO da CNT, a parceria traz um diferencial de mercado, ao conceber um seguro viagem robusto e completo, cuja adesão é rápida e online, a ser comercializado por agências de viagens e operadoras de turismo.



Bradesco VP lança manual para corretores

A Bradesco Vida e Previdência acaba de lançar o Manual Unificado do Corretor para auxiliar esses profissionais nos processos de cotação, comercialização e atendimento aos clientes de Seguro de Vida e Seguro Viagem. O conteúdo está disponível no Portal de Negócios. “O Manual reforça nosso compromisso de oferecer instrumentos para ajudar os corretores a ampliar suas oportunidades de venda, em especial nos segmentos de Seguro de Vida e Seguro Viagem”, destaca Ricardo Ferraz, superintendente executivo da Bradesco Vida e Previdência (foto).



Painel e mesa redonda no Insurtech Brasil 2024



O Insurtech Brasil 2024 contará este ano com um painel e uma mesa-redonda especialmente dedicados a debater o Sandbox. A Superintendência de Seguros Privados (Susep) planeja o lançamento de um terceiro edital do programa em breve. A autarquia também pretende trazer os temas de transformação ecológica, inovação tecnológica e inclusão social para a centralidade do programa. Com base nesse cenário, o tema deve ser um dos mais debatidos do evento. Os prováveis palestrantes do painel são Júlia Lins, diretora da Susep, e a Daniele Dabus, Head of Legal & Compliance da Darwin Seguros.

Delphos apresenta três novos diretores



Três novos diretores foram eleitos na assembleia acionistas da Delphos, realizada em 17 de abril, na sede da empresa (RJ). Farão parte da governança da empresa Beatriz Bergamini Coelho, que assumiu a Diretoria Comercial, Luís Felipe Fernandes de Oliveira Santos, que está à frente da Diretoria de Gestão Corporativa, e Nelio Brochado como diretor de Operações. Na foto, da esq. p/ dir., Oliveira Santos; Fernando da Silva Menezes, diretor de Compliance; Beatriz Coelho; Nelio Brochado; Elisabete Prado, presidente, e Nei Tadami Ogawa, diretor de Tecnologia da Informação.

Doação de triciclos para o Projeto Reciclocidade



O projeto socioambiental Reciclocidade, idealizado pela sócia da Schalch Sociedade de Advogados (SSA), Denise Schalch, para propiciar condições mais dignas de trabalho às mulheres catadoras de recicláveis, por meio da doação de triciclos adaptados para a coleta de materiais, realizou a primeira entrega de equipamentos. O evento foi realizado em 17 de maio, na sede da Unas – União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região, principal parceira do projeto. Três catadoras ganharam triciclos e outras três foram sorteadas para receberem o equipamento em um mês.

Novos produtos para clientes sem proteção



No dia 23 de maio, executivos da EZZE Seguros reuniram a imprensa especializada para um café na sede da empresa. Na ocasião, os profissionais conheceram os projetos da seguradora, que caminha para o quinto ano de operação. A EZZE investe fortemente no esporte: é patrocinadora do Corinthians e aposta no automobilismo, especialmente o Stock Car e Fórmula Truck. Os corretores são responsáveis pela comercialização de 70% dos seus produtos, enquanto o bancassurance cuida dos 30% restantes. Além disso, a companhia possui parceria com a Resolve Assist em serviços de assistência 24 horas.

Novo superintendente de Comunicação e Marketing

A corretora independente Lockton Brasil anunciou a contratação de Ednei Delfim como superintendente de Comunicação e Marketing para operação no País. Com vivência na WTW Brasil, onde atuou por mais de 28 anos como head de Marketing e Comunicação, o executivo tem o desafio de ampliar e fortalecer a imagem da marca global no mercado nacional. “Estou ansioso por liderar e expandir a área de comunicação e marketing da Lockton. Esta é uma oportunidade de combinar minha paixão e experiência na área com o dinâmico e crescente mercado securitário”, afirma.



Microseguros chegam à comunidade

A Mapfre foi outra empresa que reuniu os jornalistas para o lançamento do produto MAPFRE na Favela, na manhã de 28 de maio, no Pavilhão do G10 em Paraisópolis. Na ocasião, diretores da companhia receberam integrantes da mídia especializada e fizeram um tour por Paraisópolis. MAPFRE na Favela é uma iniciativa pioneira que gera impacto social por meio de três produtos de microseguros para os empreendedores daquela comunidade: MAPFRE Minha Vida, MAPFRE Meu Trampo e MAPFRE Meu Bem Protegido. O microseguro propicia a redução da desigualdade social.



SEGURO PARA QUEM É UBER é diferente?

Trafegar no trânsito brasileiro não é tarefa fácil. Há diversas ameaças sobre as quais o motorista deve ficar sempre atento, e elas aparecem de todos os lados. Fora a violência das ruas, problemas mecânicos, acidentes e até eventos naturais como chuvas amedrontam motoristas, principalmente os de aplicativo, cuja renda depende do carro.

Por essa razão, muitos motoristas de Uber optam por fazer algum seguro. Embora a plataforma exija que os motoristas estejam em dia com o DPVAT e também tenha parceria com seguradoras para a cobertura de acidentes, incluindo passageiros, com seguro chamado de APP (Acidentes Pessoais de Passageiros), outras ameaças devem receber algum tipo de atenção específica.

A diferença da cobertura de um carro normal para um carro utilizado como Uber diz respeito ao uso comercial deste último e, portanto, ser um carro que roda muito mais do que um de uso cotidiano. Por ser um carro muito mais exposto aos riscos, não raro, o seguro para Uber se torna mais caro, se comparado ao seguro convencional.

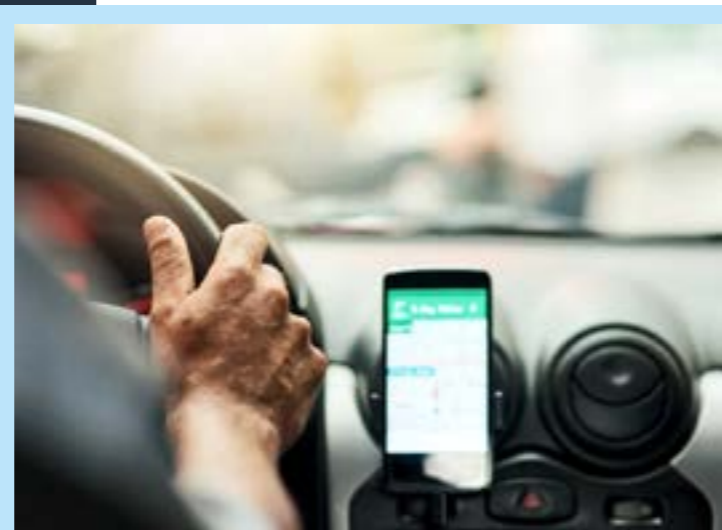
Por mais que não seja algo obrigatório, é importante estar precavido, principalmente contra roubo e furto. Como o carro passa a ser um instrumento de trabalho, ficar sem ele pode gerar um impacto financeiro grande para o motorista. Em um primeiro momento, as apólices que cobrem seguro contra incêndio e enchentes podem até não ser prioridade do motorista, principalmente devido ao valor, mas as contra roubo e furto não devem ser negligenciadas.

Caso o motorista use seu carro próprio para trabalhar, isto é, passe a utilizá-lo não mais como veículo de passeio, mas como instrumento de trabalho, é fundamental que informe a seguradora dessa transição. Do contrário, qualquer acidente que porventura venha a acontecer não será coberto nem terá eficácia em caso de sinistro.

Aluguel de carro com seguro

Já se é o primeiro seguro feito pelo motorista, é importante contratar o serviço junto de empresas confiáveis e renomadas. Corretoras podem ser uma boa opção para conhecer planos que mais se adequem a cada necessidade, o que inclui preço. Já para quem não quer ter preocupação nenhuma no que diz respeito a essas burocracias o aluguel de carros para Uber é a opção mais acertada.

Ao alugar um carro, o custo do seguro já está incluso no valor do aluguel. Ao mesmo tempo, as manutenções e revisões são garantidas, o que diminui as chances de ficar na rua por algum problema mecânico. Ao pesquisar sobre aluguel de carros para Uber e preço, é possível perceber que acaba valendo mais a pena pela praticidade.



Proteção com benefícios indispensáveis

Conhecida pela sigla APP, Acidentes Pessoais de Passageiros é uma proteção acionada em caso de acidentes, tendo como objetivo cobrir as despesas médicas e hospitalares de todos os envolvidos. Isso inclui tanto o motorista segurado e seus passageiros quanto os ocupantes do outro veículo envolvido — independentemente de quem seja o culpado.

A proteção para acidentes pessoais de passageiros também garante uma indenização em caso de morte ou invalidez permanente parcial ou total do segurado e das demais vítimas. Trata-se de uma cobertura adicional do seguro auto, sendo ideal para automóveis privados e também para o transporte público. Vale destacar, porém, que não há abrangência de indenização para danos físicos temporários, apenas permanentes. Isso significa que, em caso de cortes, ralados, dores, entre outros, a proteção não oferece coberturas.

O seguro APP, propicia ao motorista uma série de benefícios. Os principais são os seguintes:

- Ideal para qualquer tipo de veículo, como carros de passeio, ônibus, micro-ônibus, veículos de aplicativo, vans, transporte escolar, entre outros;
- Cobertura para todos os passageiros, tanto do motorista segurado quanto do outro veículo;
- Possibilidade de contratação por Pessoa Física (PF) ou Jurídica (PJ);
- Contratação simplificada;
- Custos acessíveis e competitivos

Se é seguro, é Alper

Compromisso e **expertise** quando o assunto é seguro para **transportes**

Proteção 360°
e a **confiança** que você precisa:

Equipe altamente qualificada

Soluções 100% customizadas

Gestão de sinistro com central exclusiva

Parcerias estratégicas

Análise de risco personalizada

+ Segurança - Sinistralidade



A **tecnologia** é um dos pilares da nossa Companhia, oferecendo sempre uma experiência **eficaz e descomplicada** no mundo dos **seguros de cargas e transportes**.



alta performance em seguros de transportes



COM SEGUROS, O BRASIL CRESCE MAIS, REALIZA MAIS SONHOS, É MAIS FELIZ.

A **Confederação Nacional das Seguradoras** tem a missão de fortalecer todos os dias a relevância dos seguros no país.

Trabalhamos para que mais brasileiros possam ter acesso aos produtos de seguros, previdência privada, capitalização e saúde.

O mercado segurador é fundamental para o crescimento econômico e social do Brasil.

#Seguros pra tudo e pra todos.

[/canalcnseg](#) [@cnseg_oficial](#) [/CNseg](#)

cnseg.org.br noticiasdoseguro.org.br

